

Historiografia contestada: reflexões acerca de alguns discursos e representações dos sujeitos atuantes na Guerra do Contestado¹

Helena de Freitas Ferreira

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

helenaff7@yahoo.com.br

Resumo

A proposta geral deste artigo é analisar alguns discursos e representações acerca dos sujeitos atuantes na Guerra do Contestado. Não é minha intenção fazer mais uma narrativa dos acontecimentos, mas refletir sobre os discursos consolidados pela historiografia tradicional. Para tanto, utilizei pesquisas e escritos que tratam do movimento para a sua construção.

Palavras-chave: Contestado, representações, sujeitos, historiografia.

Abstract

The general purpose of this article is analyze some speeches and representations concerning the operating citizens in the War of the Contested (Guerra do Contestado). It is not my intention to make plus a narrative of the events, but to reflect about the consolidated speeches by traditional historiography. For in such a way, I used research and writings that deal the movement to your accomplishment.

Key words: Contestado, subject, representations, historiografy.

¹ O título deste artigo foi construído com a colaboração valorosa da amiga “historiadora” Bianca Melyna N. Filgueira.



Caingangue, Xocrén e Tupi
 Maragato de noventa e três
 Alemão, português, guarani
 Italiano, polaco, oriental, tribo Gê
 Eis o povo que foi massacrado
 E deixaram de lado a razão o porquê
 O vencido não tem voz na história
 É lixo, é escória, é ralé do poder
 [...]
 Contestado foi guerra pela terra
 Que se desenterra em sublime
 canção
 [...]
 O pretexto do tal fanatismo
 Ao massacre de Taquaruçu
 Inocenta o “coronelismo”
 Que matou rebentos, famintos e nus
 E “olho por olho e dente por dente”
 De cada inocente fez alvo de obus
 Contestado que foi um império
 Hoje é um cemitério sem nome e
 sem cruz.²

No desenrolar dos anos de 1912 e 1916, explode no país a notícia alarmante do conflituoso movimento social que se convencionou chamar de “Guerra do Contestado”³, posto que o conflito desembocou na região que era reivindicada pelos estados de Santa Catarina e Paraná. Tratava-se dos entraves entre os sertanejos e a Força Legal, movimento social que marcou profundamente a história daquela região.

Nota-se que a questão limítrofe entre os estados foi colocada por alguns “intérpretes” do movimento como sendo a causa imediata para a contenda. Entretanto, essa questão dos limites geográficos já se arrastava desde a segunda metade do século XIX, quando a província do Paraná desmembrou-se da província de São Paulo, em 1853, reclamando o direito à região.⁴

Há aqueles que interpretam a guerra como a expressão de uma multiplicidade de fatores, tais como a instalação das empresas norte-americanas que atuaram na construção da Estrada de Ferro São Paulo–Rio Grande do Sul. A companhia estadunidense Brazil Railway,

² Fragmentos da canção “Retalhos do Contestado”, de Vicente Telles, retirada de um disco cedido por Esperidião Amin Helou Filho.

³ É curioso e intrigante como há quase um esquecimento e uma banalização do movimento social do Contestado em outros estados do país. No Rio de Janeiro, por exemplo, só fui ter conhecimento do movimento por intermédio de algumas míseras linhas, já no Ensino Médio, que conservavam o senso comum de que a Guerra do Contestado foi um conflito por limites geográficos entre os estados de Santa Catarina e Paraná, que eclodiu no sertão catarinense, provocando o ajuntamento de fanáticos religiosos.

⁴ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **A campanha do Contestado**. Florianópolis: Lunardelli, 1979.



além do privilégio da construção dessa estrada de ferro, ganha ainda o direito de explorar a floresta nativa, que era rica em pinheiros e imbuías. Diante dessa nova realidade, os ocupantes dessas terras como posseiros foram expulsos, uniram-se aos milhares de trabalhadores da estrada de ferro, oriundos das grandes cidades, e, quando se dá o término da construção da ferrovia, viram-se totalmente abandonados. Por outro lado, Paulo Pinheiro Machado observa que não era bem assim, já que as suas pesquisas mostraram que a maior parte da mão-de-obra utilizada na estrada de ferro era recrutada entre os moradores da cidade. Vale lembrar que os pequenos madeireiros, não podendo fazer frente às grandes empresas estadunidenses, foram “engolidos” por elas, o que só irá engrossar a massa de descontentes com o novo sistema vigente.

É importante ressaltar que não há qualquer intenção de reproduzir aqui mais uma narrativa dos acontecimentos da Guerra do Contestado, tampouco procurar estabelecer uma suposta “verdade” sobre a guerra e seus agentes diretos. Procurarei me utilizar de “interpretações”⁵ acerca do movimento para analisar os discursos consolidados pela historiografia na caracterização dos sertanejos participantes daquele conflito. Dessa maneira, vale destacar a fala de Michel de Certeau quando discute a respeito do discurso da história:

[...] Efetivamente, se a historiografia pode recorrer aos procedimentos semióticos para renovar suas práticas, ela mesma se lhe oferece como um objeto, na medida em que constitui um relato ou um discurso próprio⁶.

O crescimento da interdisciplinaridade na história proporcionou uma ascensão da análise do discurso como um dos métodos de pesquisa mais difundidos no Brasil no fim do século XX⁷

Um dos principais componentes do discurso como fala ou narrativa são os significados históricos presentes no imaginário de quem o elabora. Cada discurso é, assim, uma representação do imaginário no qual seu autor está inserido [...].⁸

⁵ Utilizo o termo “interpretações” porque, a meu ver, todos os escritos a respeito da Guerra do Contestado são interpretações e não verdades sobre a guerra. De qualquer modo, não é possível estabelecer “verdades” na história.

⁶ CERTEAU, Michel de. A história, discurso e realidade. In: __. **A escrita da história**. Trad. de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 51.

⁷ SILVA, Kalina Wanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos historiográficos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 101.

⁸ *Idem*.



Lazarin observa que o novo cenário vigente diminuiu o poder local dos coronéis, provocando um clima de tensão e estranheza entre os moradores. Na sua concepção,

Seja quais forem as causas e seja qual for o significado atribuído ao movimento, se sabe que na região contestada, durante quatro anos, aproximadamente 20 mil pessoas se rebelaram contra a ordem vigente e 6 mil homens das tropas legais do governo foram deslocados à região. Segundo fontes oficiais do exército 3 mil vidas foram perdidas, número que apesar de discutível – chega-se a cogitar em 12 mil mortos – serve para nos dar uma idéia da magnitude do acontecimento⁹.

Encarada por alguns como um desfecho inevitável devido à questão territorial entre Paraná e Santa Catarina, a Guerra do Contestado foi vista por esse prisma, mais como uma luta de limites geográficos do que um movimento social legítimo dos sertanejos pela terra. Algumas abordagens sobre o movimento vão além, considerando que a luta armada se deu, também, devido à ignorância e ao fanatismo da população daquela região. Ao analisar alguns discursos a respeito do conflito, é possível observar que:

A campanha do Contestado foi uma luta de *marginais*, de *desajustados*, portanto uma luta de fundo eminentemente social, e que, por incompreendida no seu início, não teve o *remédio imediato* que teria evitado a sua continuação e os sacrifícios que determinou [grifos meus]¹⁰.

É importante perceber que, mesmo quando há a pretensão de se dar uma “nova roupagem” ao movimento, cai-se contraditoriamente nos mesmos discursos conservadores, no senso comum, uma vez que os sujeitos participantes daquele movimento são novamente colocados como seres que agiam por ação de uma força alucinante, desprendida totalmente de consciência política e das condições em que viviam. É fato que esses discursos, mesmo com a pretensa “nova roupagem”, não têm a menor intenção de glorificar as ações de lutas daqueles sujeitos participantes. Dessa forma, é mais conveniente sustentar o discurso conservador, que muito mascarou o movimento, colocado como sendo, antes de tudo, uma luta de desajustados fanáticos.

⁹ LAZARIN, Katiúscia Maria. **Fanáticos, rebeldes e caboclos**: discursos e invenções sobre diferentes sujeitos na historiografia do Contestado (1916-2003). 2005. 147 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. p.10. A feliz descoberta da dissertação de Lazarin contribuiu muito para a realização deste artigo, uma vez que sua minuciosa pesquisa facilitou a minha compreensão sobre alguns escritos.

¹⁰ CABRAL, *op. cit.*, p. 18.



É pertinente observar que os discursos utilizados para caracterizar os sertanejos e suas ações vão desde a repreensão extremada, com os atores protagonistas desse movimento apresentados como “dementes”, “ensandecidos”, “perturbadores da ordem”, até a utilização do discurso paternalista, quando tais atores são vistos como criaturas desvalidas de atenção por parte do Estado. É o velho discurso que procura enfatizar a negligência do Estado em relação aos sertanejos, visando, dessa maneira, colocá-los como seres que precisam de proteção, de tutela.¹¹

A pesquisa de Lazarin é relevante na medida em que facilita a compreensão dos discursos forjados sobre o movimento social dos sertanejos. A autora faz uma análise dos trabalhos, pesquisas e publicações como fontes para a investigação das representações que foram construídas sobre os sertanejos que participaram da guerra.¹² Sua análise é bastante contundente e nos faz refletir a respeito dos discursos sustentados pela historiografia tradicional.

Embora alguns discursos até enalteçam a resistência dos sertanejos, o fato é que nesses discursos, há uma forte tendência a enaltecer o desprendimento e a bravura dos componentes da chamada Força Legal em detrimento dos sertanejos, que são caracterizados como seres desqualificados, diminuídos:

[...] se extrema foi a bravura dos soldados que se jogavam sobre os redutos sertanejos, enfrentando a morte a cada minuto, também é de ser lembrada a resistência do sertanejo pé-no-chão, mal alimentado e miserável, ignorante e sem conhecimento algum dos mais comezinhos preceitos da arte militar, *inferior em número como em tudo*, e que enfrentou com galhardia a luta que se impôs [grifo meu]¹³.

Através do exposto acima, é possível perceber o caráter de inferioridade dado aos sertanejos. Através dos escritos, percebe-se o senso comum a respeito da Guerra do Contestado. As leituras conservadoras provam bem essa tendência quando se utilizam de termos altamente pejorativos para qualificar os sujeitos atuantes no conflito. É corrente nessas narrativas caracterizá-los como “fanáticos”, “degenerados”, “bandidos”, “rebotalho humano”, “ensandecidos” e tantos outros termos que perpetuam na história a imagem de desordeiros, “errantes do novo século” e causadores de pavor a eles atribuída.

¹¹ MONTEIRO, Duglas Teixeira. Sertão e civilização: compassos e descompassos. In: _____. **Anais do Colóquio de Estudos Regionais**, comemorativo do 1º centenário de Romário Martins. Curitiba, UFPR, Boletim do Departamento de História, n. 21, 1974. p. 31.

¹² LAZARIN, *op. cit.*

¹³ CABRAL, *op. cit.*, p.7.



Na pesquisa de Lazarin, é possível ter uma idéia da forma como os contemporâneos do movimento enxergavam tal conflito e seus protagonistas. O que se sobressai para explicar esses movimentos é a barbárie que afligia certa parcela da população dos longínquos sertões brasileiros. O tenente Herculano D'Assumpção, por exemplo, que escreveu sobre o acontecido, explora as condições de incivilidade de seus habitantes. Já Demerval Peixoto, combatente no Contestado entre 1914 e 1915, nota que a região está caracterizada pela presença marcante de bandos de “jagunços” e agrupamentos armados. Na fala desses militares, sujeitos que estavam a serviço das forças legais, era preciso enaltecer, e muito, os feitos do exército e marcar a sua distinção em relação àquele alucinado “bando de sicários”¹⁴ que tinham a ousadia e a pretensão de desafiar a nação. Lazarin observa ainda que

O imaginário criado sobre o “sertão catarinense” e seus habitantes pelos contemporâneos da Guerra Sertaneja do Contestado está eivado de idéias-imagens que definem o “sertanejo” com estereótipos depreciativos, mas portadores de uma imensa bravura em combate. “Coragem” e “força” são expressões que vem acompanhadas de “bandidos” e “sanguinários” [...]¹⁵.

Ao observar a fala dos franciscanos em relação ao prejuízo causado à religião, é perceptível que a figura do “sujeito causador” das tensões é ressaltada quase que com desprezo:

É supérfluo penetrar nos grandes males que à Religião causou esse João Maria. A Guerra dos Fanáticos só foi possível na fé àquele mensageiro. Uma palavra de sua boca valia e vale ainda hoje mais do que as verdades do Evangelho, do que quaisquer instruções de sacerdotes e bispos, e até o Santo Padre só acerta ensinar a verdade se esta confere com a pregação de João Maria¹⁶.

Segundo Pedro Lima Vasconcellos¹⁷, nos diversos ambientes eclesiásticos havia uma insistência na fidelidade absoluta ao papa, caracterizada como “ultramontanismo”¹⁸, em detrimento das expressões religiosas populares. O efeito imediato foi a tentativa de decepar as ações das lideranças leigas e combater as formas populares de vivência católica, que eram

¹⁴ Assassinos pagos para cometer todos os tipos de crimes.

¹⁵ LAZARIN, *op. cit.*, p. 38.

¹⁶ STULZER, Frei Aurélio. **A guerra dos fanáticos (1912-1916):** a contribuição dos franciscanos. Petrópolis: Vozes, 1982.

¹⁷ Professor do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP.

¹⁸ Segundo o *Dicionário Aurélio*, é a doutrina política dos católicos franceses (e outros), que buscavam inspiração e apoio além dos montes, os Alpes, i. e., na Cúria Romana.



qualificadas sempre como supersticiosas. Nesse sentido, a Igreja aponta para a figura do monge como inimigo do clero. Lima Vasconcellos observa, também, que a oposição ao regime republicano só faz agravar a situação de intolerância em relação a essas lideranças leigas.

Com a Igreja Católica¹⁹ perdendo espaço, ou melhor, os seus fiéis para as lideranças leigas, a ação dos representantes da pretensa “verdadeira” religião será tentar decepar quaisquer resquícios do que caracterizavam como fanatismo religioso. Para tal efeito, ataca-se a figura do considerado “agente causador” do desregramento religioso por parte dos fiéis. Dessa forma, tenta-se dissipar a autonomia dos monges leigos, os alvos diretos a serem combatidos.

Em relação à caracterização dos sertanejos participantes do movimento, fica claro na fala dos franciscanos o discurso do senso comum. Para eles, trata-se de “fanáticos”. A utilização desse termo é persistente nos escritos de frei Aurélio Stulzer, em que há um suposto sentido de “verdade”, tamanha propriedade com a qual se utiliza. Prova disso, é o título de seu livro, em que a Guerra do Contestado é transformada em “guerra dos fanáticos”. Na sua narrativa, Stulzer busca sempre vincular ao banditismo os que se inclinavam à causa sertaneja.²⁰

Por outro lado, a idéia de que os sertanejos estavam isolados do restante do país, realizando um movimento pré-político, com marcas profundas de fanatismo e loucura, é mostrada por Paulo Pinheiro Machado como totalmente equivocada e forjada, uma vez que esses sertanejos tinham total consciência da situação em que viviam. O autor faz um levantamento e análise das origens sociais e da formação e atuação política das lideranças sertanejas na fase final da contenda (1914-1916).²¹ Mostra como as lideranças legitimavam seu poder político nos redutos resguardando-se a partir de uma pretensa ligação espiritual, que era revelada em sonhos e visões, com o monge José Maria. Aponta, ainda, a corrente caracterização dada aos seguidores desse monge:

No vocabulário da imprensa e de diferentes setores do governo, os sertanejos seguidores do monge José Maria eram chamados apenas de “fanáticos” até o combate do Irani e, principalmente, até a destruição do reduto de Taquaraçu, em fevereiro de 1914. Após este evento, o crescimento dos conflitos e a militarização dos sertanejos, as

¹⁹ Representada na figura do frei franciscano Rogério Neuhaus.

²⁰ STULZER, *op. cit.*, p. 57.

²¹ MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.



denominações de “banditismo” e “jaguncismo” passam a acompanhar o termo “fanatismo”²².

Machado afirma que é preciso cautela para não se adotar uma caracterização geral fechada do movimento sertanejo, qualificando-o como “messiânico” ou “milenar”, pois esse movimento social não é uniforme, tampouco homogêneo. Sendo assim, critica o conceito de messianismo utilizado por Maria Isaura Queiroz, considerando-o quase inútil para o estudo do movimento social:

Esta pesquisadora considera o messianismo uma manifestação coletiva da crença na vinda de um redentor que porá fim à ordem vigente, instituindo uma nova ordem de justiça e felicidade, afirmando que, para que tal processo se desenvolva, é necessário um conjunto de fatores provocadores, merecendo destaque entre eles um estado de *anomia social*, de perda de identidade como consequência de transformações sócio-culturais e econômicas [grifo meu]²³.

Na concepção de Machado, ao dar um novo nome à “patologia” da população sertaneja, a autora entra em contradição com a sua crítica à abordagem preconceituosa dos primeiros escritos militares.

Lazarin nos mostra como essa imagem deturpada do sujeito do Contestado é modificada de acordo com os interesses do poder atuante. A autora observa como a figura do “Homem do Contestado” é utilizada pelo ex-governador do estado Esperidião Amin Helou Filho, quando na campanha para o governo estadual (1983-1986) apresentou a proposta para a cultura em seu governo. Seu discurso era o da preservação da “identidade catarinense”. Dessa maneira, Amin vai buscar no “Homem do Contestado” a identidade perdida do catarinense, homem que, segundo ele, existiu e foi destruído física e culturalmente.

Nessa busca por resgatar a identidade catarinense, há um incentivo por parte do governo para a produção e a recuperação da memória do “Homem do Contestado”. Havia uma intenção de estabelecer uma identidade cultural para o estado, formando uma imagem do catarinense típico. “E para isso a Guerra Sertaneja do Contestado foi transformada em folclore, a luta daqueles homens e mulheres foi transformada em espetáculos para serem apreciados pelo público.”²⁴ Lazarin observa também que, para esse pretense resgate cultural, é

²² *Ibidem*, p.23.

²³ *Ibidem*, p.26.

²⁴ LAZARIN, *op. cit.*, p.108.



restaurado o cemitério do Irani, dá-se um incentivo ao já construído Museu do Contestado, localizado em Caçador, além de ser erguido um monumento ao “Homem do Contestado” e espalhadas placas comemorativas em diversas cidades. Em entrevista, Esperidião Amin fala a respeito dessas placas, afirmando que “em Curitiba deu um ‘bode danado’ a questão da colocação das placas, posto que alguns manifestantes quebraram a placa”. Quando indagado sobre o motivo que, a seu ver, aqueles manifestantes tinham para agir desse modo, o ex-governador respondeu: “Quebraram porque certamente não concordaram com a visão de resgate do ‘Homem do Contestado’”²⁵.

Dentro do contexto dos usos e abusos dos discursos para estabelecer uma pretensa “verdade” a ser consolidada, vale pensar nos escritos de Michel Foucault, que indaga: “O que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?”²⁶. O perigo se dá à medida que os discursos são capazes de abrandar ou desencadear lutas, são capazes e eficazes no poder de persuasão que as palavras bem arranjadas provocam.

Na busca de compreender um pouco mais a intenção de Esperidião Amin ao incentivar a preservação da memória do “Homem do Contestado”, propus-lhe uma conversa²⁷ sobre o assunto, a qual foi prontamente aceita, com muito entusiasmo. Perguntado sobre o seu objetivo imediato a respeito do resgate da memória daqueles sertanejos participantes diretos da contenda, Amin respondeu que pretendia fazer justiça. E colocou à minha disposição um vasto material para que eu pudesse analisar as suas propostas de preservação da cultura catarinense. Trata-se de escritos para a campanha ao governo do estado de 1983, cujo *slogan* era “A vez do pequeno”.²⁸ Dentro desse projeto de preservação da identidade catarinense e de sua memória cultural, há um capítulo intitulado “O pequeno esquecido”. Nele, Amin fala do processo de ocupação e colonização de Santa Catarina, que proporcionou um mosaico cultural, étnico e econômico, cuja diversidade é patrimônio do catarinense. Nesse contexto, ele se pergunta:

Com efeito, do ponto de vista cultural, quem é o catarinense?
Será o homem do litoral, de cultura marcadamente européia?
Será o “serrano” de traços gauchescos?
Será o “oestino”, mescla euro-gaúcha?

²⁵ HELOU FILHO, Esperidião Amin. Entrevista concedida à autora, 5 jun. 2007.

²⁶ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996. p. 8.

²⁷ HELOU FILHO, Esperidião Amin. Entrevista concedida à autora, 5 jun. 2007. Também foi realizada uma entrevista por e-mail.

²⁸ HELOU FILHO, Esperidião Amin. **A vez do pequeno: uma experiência de governo**. Florianópolis: Casa Civil, 1986.



Nossa riqueza cultural é tão vasta e singular que impediu ao longo do tempo a formação de um “tipo” do qual se possa dizer: este é o “homem típico” catarinense²⁹.

Observando essas interrogações, percebe-se que Amin busca criar uma “identidade catarinense” a partir do “homem típico” do Contestado. Mas talvez essa não seja a identidade catarinense, uma vez que ela é visivelmente construída. Uma discussão bastante interessante em relação a essa construção da identidade é feita por Maria Bernadete Flores³⁰, que vai mostrar que desde o Primeiro Congresso de História Catarinense busca-se encontrar uma suposta origem, digo, identidade catarinense.

Embora Amin tenha consciência de que sua tentativa de compor uma identidade catarinense a partir do pequeno, do “Homem do Contestado”, não tenha surtido o efeito esperado, vê pontos muitos positivos e até avanços na compreensão da importância daquele movimento. Perguntado sobre sua avaliação em relação ao lugar que esse homem ocupa hoje na história catarinense, se pensa que ele tem o seu lugar de destaque, Amin responde:

Avalio que há uma diferença fundamental entre a situação atual e a de 25 ou trinta anos atrás. Foi redescoberto o episódio e seu mais “escondido” protagonista.

Em 2001, foi realizado um Seminário inédito sobre o tema. Foi constituída a Fundação do Contestado. Os municípios da região assumiram sua condição de cenário histórico do episódio. as [sic] controvérsias foram explicitadas e isto é muito bom! Não existe um dogma sobre o tema!

Municípios de pequeno porte, como Matos Costa e Calmon, constituíram ONGs que estimulam formas novas de turismo, como, por exemplo, o “Turismo da Guerra”, ou seja, visitaçãõ a locais de incidentes da Guerra do Contestado.

Vários espetáculos culturais têm sido produzidos e encenados.

Evoluímos muito positivamente!

Ainda não chegamos ao lugar pretendido, mas, sem dúvida, recuperamos um pouco do tempo perdido!³¹

²⁹ *Ibidem*, p. 127

³⁰ FLORES, Maria Bernadete Ramos. A autoridade do passado. In: _____ **A farra do boi**: palavras, sentidos, ficções. Florianópolis: EdUFSC, 1997.

³¹ HELOU FILHO, Esperidião Amin. Entrevista concedida à autora, por e-mail. 6 jun. 2007.



Na fala de Amin, é possível perceber que hoje os protagonistas daquele conflito têm a sua memória resgatada por meio do incentivo dado no seu governo ao resgate desse episódio da história catarinense. Discursos à parte, é inegável que a construção e a preservação desses monumentos poderão perpetuar o conflito do Contestado e a luta de seus protagonistas na memória dos que têm conhecimento da contenda e, ainda, aguçar a curiosidade daqueles que, como esta autora, têm muito a compreender sobre uma grande, complexa e peculiar luta pela terra no estado de Santa Catarina, mais precisamente.

Sendo assim, qualquer que seja a abordagem dada hoje ao assunto, será de grande valia para que o conflito e sua amplitude penetrem na memória das pessoas, provocando críticas e novas construções, debates e reflexões não só no âmbito acadêmico como na sociedade em geral. E mais: para que não só a guerra, com toda a sua amplitude, seja discutida, mas que se faça refletir sobre os discursos e representações que foram forjados a respeito dos protagonistas daquele movimento que marcou profundamente a história catarinense.

Os discursos acerca dos sujeitos sertanejos atuantes na Guerra do Contestado, desde aqueles forjados no calor da hora até os que perpetuaram nos escritos posteriores, já se encontram consolidados. Salvo raras e surpreendentes exceções, percebe-se um visível mascaramento da imagem daqueles sujeitos, posto que, ao fazer uso de termos pejorativos e explorar a idéia de que se tratava de seres degenerados, fanáticos e subversivos, foi mais fácil legitimar as ações do Estado e de outras formas organizacionais, como a Igreja Católica, não cabendo, assim, dar maiores explicações aos seus atos. Dessa forma, pode-se entender como o discurso bem articulado e a serviço do poder pode legitimar caracterizações que, desde então, penetraram o imaginário da sociedade.

Sendo assim, ao analisarmos os escritos sobre o Contestado, se faz necessário não repetirmos esses discursos de outrora. Para tanto, é relevante fazer um estudo aprofundado do assunto para não perpetuarmos a imagem deturpada dos homens que lutaram naquela guerra. Não foi minha intenção aqui tecer um discurso inflamado e ingênuo visando a uma reparação da imagem daqueles sertanejos, mas, sim, refletir acerca dos discursos consolidados pela historiografia catarinense. No entanto, vale lembrar o alerta pertinente de Paulo Pinheiro Machado, quando nos mostra que não devemos generalizar o movimento, que não é uniforme, tampouco homogêneo. Dessa maneira, os seus sujeitos devem ser lembrados por sua luta e não pelas imagens que foram deturpadas para caracterizá-los.



